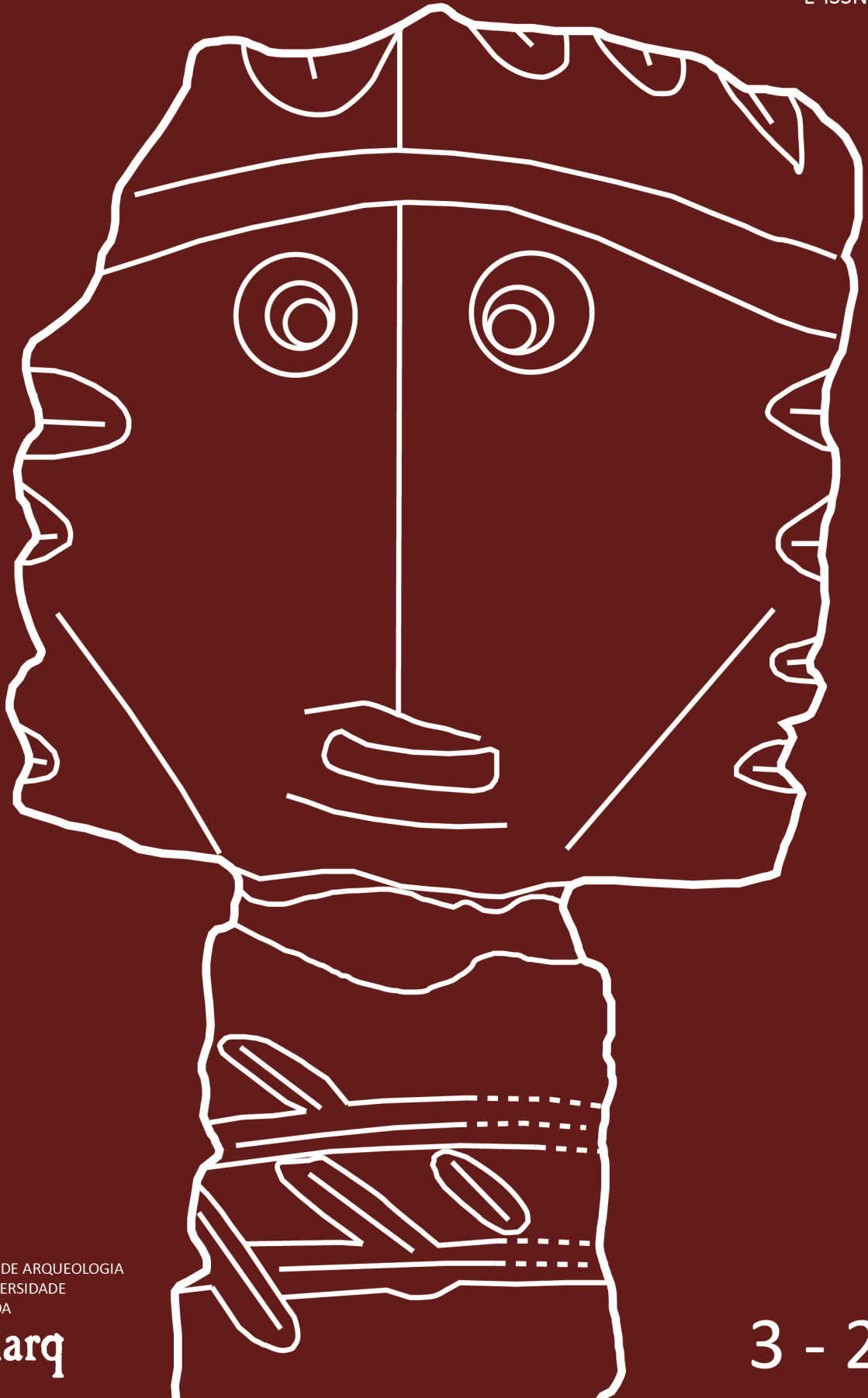


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa
Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)
Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)
Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)
Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)
João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)
José Remesal (Universidade de Barcelona)
Leonor Rocha (Universidade de Évora)
Manuela Martins (Universidade do Minho)
Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)
Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)
Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.
www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ...	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211

OPHIUSSA

VOLUME 3, 2019, PÁGINAS 81-91. SUBMETIDO A 31.03.2019. ACEITE A 16.07.2019.

A TERRA SIGILLATA DO CASTRO DE ROMARIZ (SANTA MARIA DA FEIRA, AVEIRO): DA ROMANIZAÇÃO AO ABANDONO DE UM POVOADO FORTIFICADO NO NOROESTE PENINSULAR

TERRA SIGILLATA FROM CASTRO DE ROMARIZ (SANTA MARIA DA FEIRA, AVEIRO): ROMANIZATION AND ABANDONMENT OF A HILLTOP SETTLEMENT IN NW IBERIAN PENINSULA

GIL VILARINHO¹

RESUMO

As intervenções arqueológicas decorridas no Castro de Romariz permitiram identificar um povoado da Idade do Ferro com uma diacronia que se estende do século V a.C. aos primeiros séculos da nossa era. Através do estudo do conjunto de *terra sigillata* inumado, pretende-se dar um contributo para a compreensão da última fase de ocupação do povoado, analisando os padrões de consumo mas também procurando estabelecer relações crono-estratigráficas que permitem compreender melhor a evolução do sítio ao longo do séc. I d.C., e o subsequente processo de romanização, até ao seu abandono, ocorrido no século II d.C.. Através da análise da distribuição espacial dos fragmentos foi possível atentar sobre a funcionalidade de várias estruturas que constituem a *domus*, a maior habitação até então escavada no castro.

Palavras-chave: Castro de Romariz, cerâmica fina romana, consumo, crono-estratigrafia, funcionalidades espaciais.

ABSTRACT

The excavations carried out at Castro de Romariz revealed a sizable Iron Age settlement with a chronological scope extending from the 5th century BC to the first centuries AD. By studying the *terra sigillata* unearthed during these interventions, we seek to focus on the last phase of occupation and, through the analysis of the chrono-stratigraphic and consumption patterns, we try to outline the settlement's evolution during the romanization process and its subsequent abandonment in the 2nd century AD. Considering the spatial distribution of *terra sigillata* fragments, it was also possible to assess the functionality of several structures that constitute the so-called *domus*, which is the largest dwelling excavated hitherto at the site.

Keywords: Castro de Romariz, roman fine ware, consumption, chrono-stratigraphy, space functionalities.

1. INTRODUÇÃO

O presente texto reporta ao estudo do conjunto de *terra sigillata* depositado no Laboratório de Conservação e Restauro da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, resultante das campanhas de escavação no Castro de Romariz decorridas nos anos quarenta do século XX e, mais recentemente, de 1980 a 2003.

As intervenções arqueológicas realizadas no Castro de Romariz, localizado no município de Santa Maria da Feira, distrito de Aveiro, contam com mais de um século de história. A descoberta de um tesouro monetário levou a que em 1843 tivessem início os primeiros trabalhos arqueológicos no local, no decorrer dos quais foram identificadas algumas estruturas de planta circular (Centeno 2011). Quase um século mais tarde, Manuel dos Santos, o então pároco de Romariz, realiza novas escavações no local e destas resultam a grande maioria das estruturas que hoje se encontram visíveis no Castro de Romariz, bem como uma grande quantidade de materiais (Santos 1940), sem ter havido, no entanto, um registo cuidado das escavações. Em 1980 tem início uma série de campanhas de escavação, promovidas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto,

localizadas no sector oeste do povoado, e das quais resultou a descoberta, logo nas intervenções de 1980 e 1981, da maior estrutura habitacional conhecida até então, interpretada como uma possível *domus* (fig. 1), e que tem vindo a ser alvo de vários estudos desde então (Centeno 2011).

A *domus* destaca-se não só enquanto a habitação de maior dimensão até agora escavada no Castro de Romariz, mas também pelas evidências da romanização verificadas na tipologia da sua construção. Segundo Centeno (2011: 19), trata-se de uma casa castreja romanizada que, na sua fase final, se estendia por cerca de 385m², dos quais 228 seriam área coberta. As técnicas de construção de influência romana verificam-se pela presença de blocos esquadriados, sobretudo os cunhais, o revestimento de paredes com reboco, pintado no interior, e a cobertura com *tegula* e *imbrex* de todos os compartimentos que constituíam a habitação (Centeno 2011), com excepção das duas estruturas de planta circular que manteriam coberturas em materiais perecíveis. A área murada que constituía a *domus* era dominada por um pátio central lajeado que teria a função semelhante à de um átrio de uma casa típica romana, como poderá demonstrar a mesa com colunelo identificada no decorrer das



Fig. 1 - Planta da área escavada do Castro de Romariz. A castanho assinala-se a área da *domus*, intervencionada nas campanhas 1980-2003 (Adaptado de Centeno 2011).

escavações (Centeno 2011). Esta área seria delimitada por arruamentos a norte, este e sul e pela muralha da plataforma superior do castro a oeste (Centeno 2011), à qual, no entanto, não encostava directamente.

O estudo do conjunto de *terra sigillata* abordado seguirá três linhas de investigação: a primeira analisa o conjunto total da *terra sigillata*, incluindo os fragmentos sem contexto estratigráfico das escavações do padre Manuel dos Santos, relativamente às produções e formas identificadas, a fim de tentarmos compreender os padrões de consumo do antigo povoado; a segunda procura obter uma leitura crono-estratigráfica das camadas identificadas no sector oeste do Castro de Romariz, aquando da escavação da *domus*; a terceira, por sua vez, analisa a distribuição espacial dos fragmentos pelas várias estruturas identificadas, por forma a tentar compreender a possível funcionalidade de cada um dos espaços.

2. TERRA SIGILLATA DO CASTRO DE ROMARIZ: UMA ANÁLISE GLOBAL

Foram analisados 158 fragmentos de *terra sigillata*, correspondentes à totalidade do espólio depositado no laboratório da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Não obstante não ter existido qualquer critério de seleção das produções a estudar, a totalidade dos fragmentos corresponde a produções alto-imperiais. Do total de 158 fragmentos, 34 têm a sua origem nas escavações do padre Manuel dos Santos e, como já referimos, o seu contexto não é conhecido com exatidão. Os restantes 124 fragmentos são todos eles provenientes das escavações mais recentes no sector oeste do povoado, onde foi identificada a estrutura de influência romana já referida (Centeno 2011).

Relativamente às produções, a *terra sigillata* itálica (TSI) tem uma expressão residual, uma vez que foi possível identificar somente 5 fragmentos, correspondente a apenas 3% do total da amostra. Por sua vez, as produções de *terra sigillata* sudgálica (TSSG) e *terra sigillata* hispânica (TSH) dominam a totalidade do conjunto de forma bastante equilibrada, com cerca de 76 fragmentos a primeira e 77 a segunda, correspondendo a sudgálica a cerca de 48% e a hispânica a 49% do total (vd. fig. 2). A esmagadora maioria da amostra é constituída por formas lisas, sendo que apenas foram identificados 3 fragmentos decorados e apenas um destes permitiu identificar a tipologia com segurança. O número mínimo de indivíduos (NMI) foi obtido considerando

como um só indivíduo todos os fragmentos que pudessem ser da mesma peça, sendo que ficaram logo excluídos muitos dos fragmentos de paredes, cujo elevado estado de fragmentação poderia criar resultados falaciosos (vd. fig. 2).

A *terra sigillata* itálica é, como referimos acima, residual no contexto da amostra estudada, contando com apenas com um total de 5 fragmentos, a partir dos quais foi possível identificar dois fabricos: o primeiro, em maior número, caracterizado por uma pasta de coloração alaranjada, compacta, com uma textura algo granulosa, fractura recta, um número bastante reduzido de desengordurantes minúsculos e um engobe castanho-avermelhado, espesso, homogéneo e com algum brilho; o segundo fabrico, verificado em dois fragmentos, apresenta uma pasta rosada, com uma textura um pouco granulosa, fractura recta e elementos não plásticos de pequena dimensão, com um engobe vermelho, pouco aderente e pouco brilhante.

Quanto às formas, é possível identificar três tipologias distintas no conjunto analisado, duas das quais, no entanto, não foi possível identificar com segurança, devido ao elevado nível de fragmentação que apresentam. O único indivíduo que permite uma identificação mais segura trata-se de metade de um fundo com cerca de 4 cm de diâmetro que corresponderá à forma Consp. 22 ou 23. Neste foi ainda possível identificar uma marca de oleiro *in planta pedis* que, no entanto, dada a fractura do fundo, não permitiu a leitura completa, sendo apenas possível identificar as letras -NE, de forma que não foi possível identificar o oleiro em questão (fig. 3, nº 1). Não obstante, esta marca permite balizar cronologicamente a peça no período de Tibério, uma vez que as marcas *in planta pedis* surgem apenas em 15 d.C. (Silva 2012).

Através da análise macroscópica das pastas, foi possível apurar que 75 fragmentos da amostra de *terra sigillata* sudgálica correspondem à produção de La Graufesenque, com uma pasta caracterizada pela sua coloração vermelha escura, embora com algumas variantes, textura muito fina, homogénea, dura e de fractura concoidal, pouquíssimos vacúolos alongados e elementos não plásticos de pequena dimensão. Pese embora um grande número de fragmentos se encontrar bastante degradado, o engobe apresentado é, por norma, espesso, de brilho lustroso e coloração vermelho-acastanhado.

Quanto às formas, apenas foram identificados exemplares lisos, todos de boa produção, com grande predominância da canelura interior do

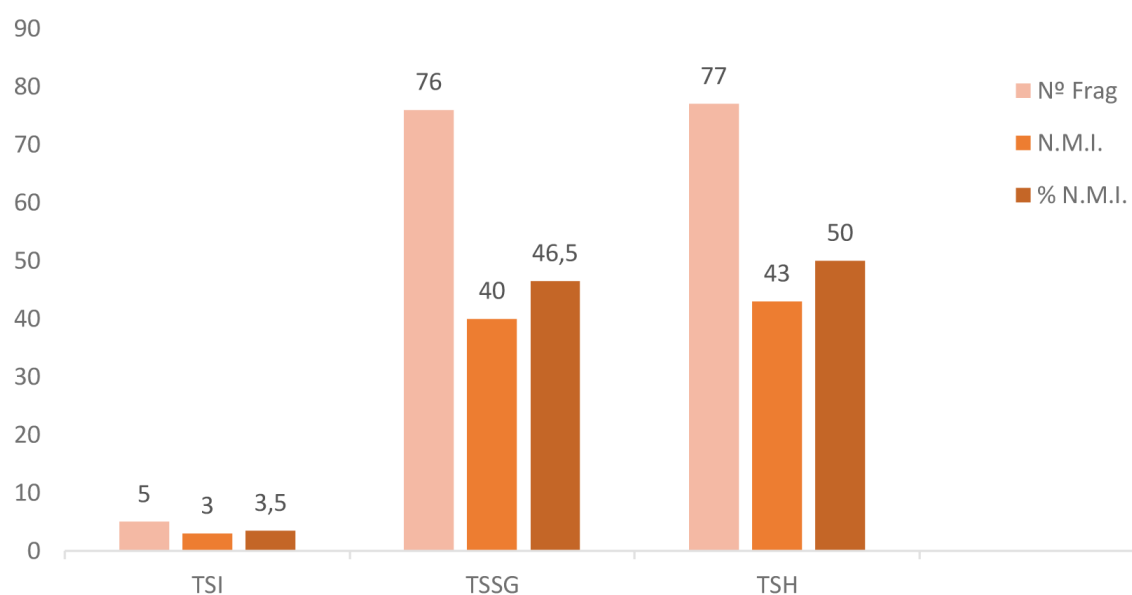


Fig. 2 - Produções de *terra sigillata* presentes no Castro de Romariz.

bordo e pés altos, e estão circunscritos às quatro formas mais comuns: Dragendorff 15/17, Drag. 18/31, Drag. 24/25 e Drag. 27. A forma mais comum é a Drag. 27 com 11 indivíduos identificados (fig. 3, nº 2, 3 e 4), seguida em igual número pela Drag. 15/17, dos quais 4 indivíduos se identificam com a variante Drag. 15/17B. A forma Drag. 18/31 também tem expressão na amostra do Castro de Romariz, com cerca de 9 indivíduos, sendo, por sua vez, a forma Drag. 24/25 (fig. 3, nº 5) a identificada em menor quantidade, com cerca de 5 indivíduos identificados. Um fragmento, que não permitiu identificar forma, parece ter tido origem no centro produtor de Montans, uma vez que apresenta uma pasta de tonalidade acastanhada, dura, de textura fina e de fractura irregular, bem como um engobe de tonalidades mais claras que os restantes.

Da análise de todo o conjunto de fragmentos de *terra sigillata* sudgálica foi ainda possível identificar duas marcas de oleiro, embora, devido ao elevado nível de fragmentação, apenas uma permita identificar a tipologia da marca: cartela com ângulos arredondados; como tal, não foi possível obter qualquer informação relativa aos oleiros.

No âmbito da *terra sigillata* hispânica, a totalidade dos 77 fragmentos parece corresponder ao grande centro produtor de *Tritium Magallum*, com uma pasta caracterizada pela coloração vermelho-laranja, textura rugosa, com pequenos vacúolos redondos e desengordurantes de pequenas dimensões. Os engobes desta produção são,

genericamente, espessos e de coloração castanho-avermelhada ou laranja forte (Carvalho 2002). Dois fragmentos, no entanto, apresentarem pastas cujas características diferem um pouco das restantes, sendo estas de coloração mais clara com um engobe fino acastanhado. Este fabrico parece corresponder com uma já identificado por Carvalho (2002: 121) no castro de Monte Mozinho e poderá ter a sua origem na produção de ateliers satélite do centro de *Tritium Magallum*, possivelmente no vale do Douro (Carvalho 2002).

Relativamente às formas, apenas 3 fragmentos apresentam decoração (fig. 4, nº 11 e 12), embora bastante desgastada, sendo que apenas um permite a identificação da Forma 37, com a característica decoração com círculos (fig. 4, nº 11). Outro fragmento, que não foi possível identificar a forma com a devida certeza, possui decoração de elementos vegetais e animais, sendo possível identificar o que poderá corresponder a um animal em movimento, um motivo decorativo também bastante comum.

Dos outros 74 fragmentos foi possível identificar 43 indivíduos distintos (NMI), dos quais 37 permitiram identificar forma com segurança. A forma com maior expressão na amostra do Castro de Romariz é a Forma 15/17, com cerca de 19 indivíduos (fig. 3, nº 9 e 10), uma tendência já identificada noutros sítios arqueológicos (Carvalho 2002, Morais 2004, Quaresma 2009), sendo que a maioria dos exemplares por nós identificados parecem corresponder à variante 15/17e identificada por Bustamante

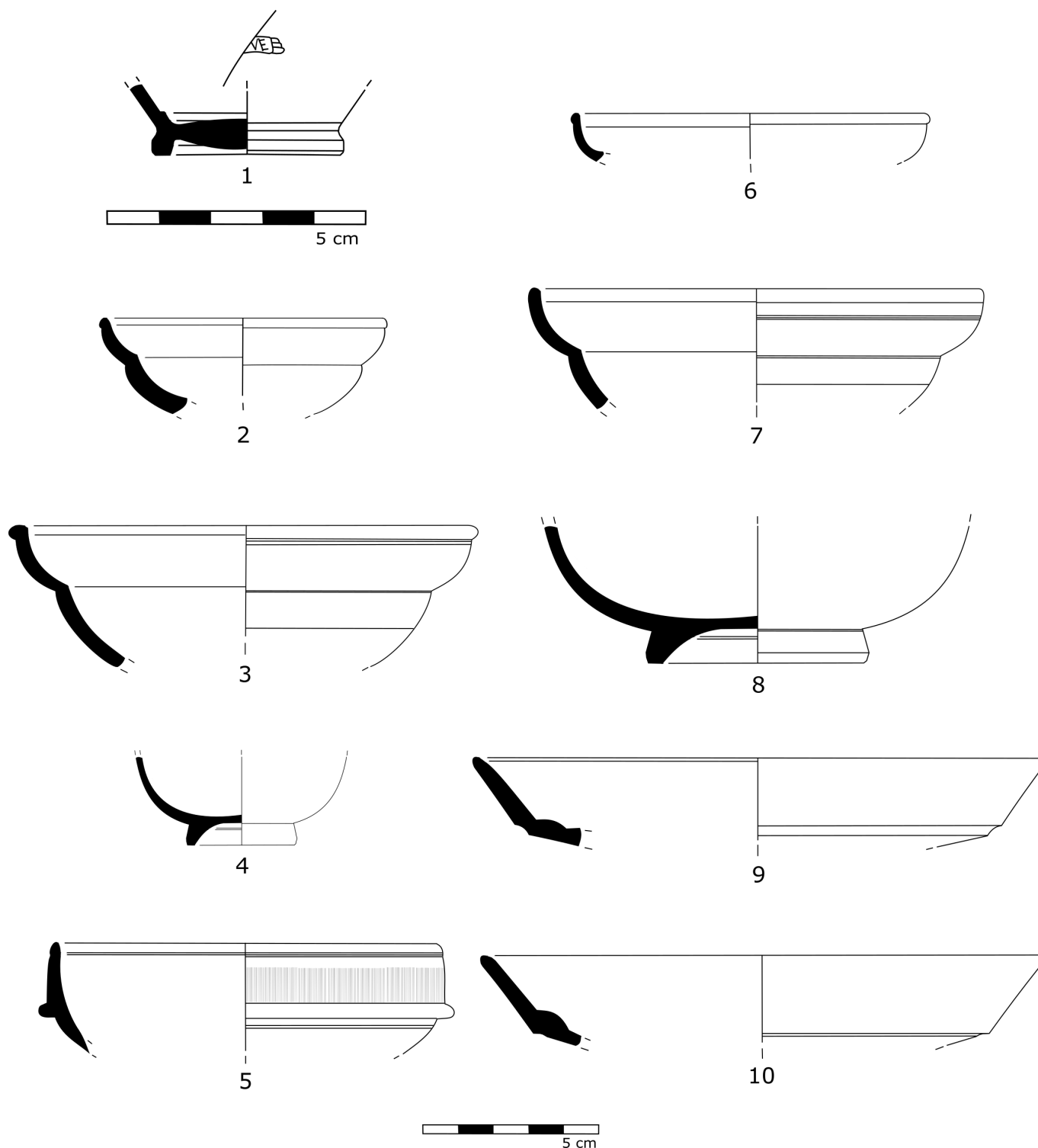


Fig. 3 - Formas lisas de TSI (1), TSSG (2-5) e TSH (6-10).

(2013: 84). Segue-se a Forma 27, representada por 9 indivíduos (fig. 3, nº 6, 7 e 8). De acordo com Bustamante (2013: 96), foi possível identificar dois subtipos: o primeiro, datado de época flávia com um bordo bem definido, parede constituída por dois quartos de círculo de proporções semelhantes e pé

com anelar acentuado (fig. 3, nº 6); o segundo, que terá surgido no período de Trajano, com o bordo menos definido, a diminuição da proporção e ligeira abertura do quarto de ciclo superior, bem como uma redução do pé (fig. 3, nº 7 e 8). As tipologias Forma 4 e Forma 24/25 estão representadas com 3 indivíduos

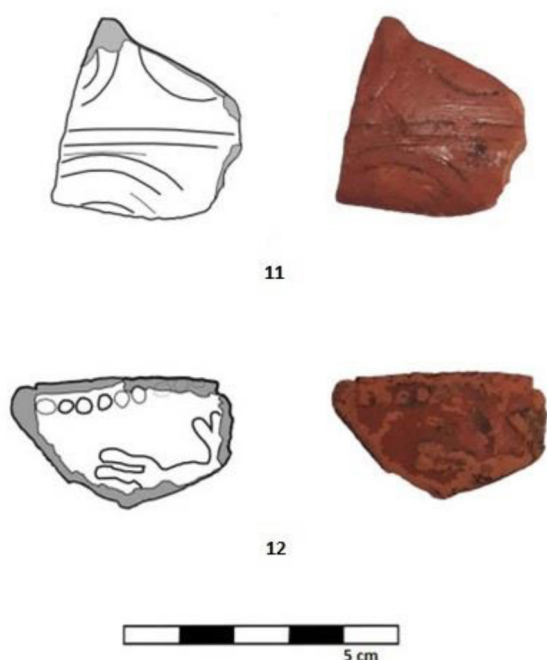


Fig. 4 - Fragmentos decorados de TSH.

cada, enquanto que as Forma 8, Forma 18/31 e Forma 36 figuram apenas com um indivíduo cada.

Apesar da produção hispânica estar em maior número, no que toca à quantidade de fragmentos, não foi possível identificar qualquer marca de oleiro nesta produção.

Da análise global do conjunto de *terra sigillata* do Castro de Romariz, é possível identificar dois momentos no consumo destas produções cerâmicas no povoado, certamente associados ao processo de romanização do noroeste peninsular. A primeira fase caracteriza-se por um consumo pontual, caracterizado por apenas algumas peças de *sigillata* itálica, num período cronológico balizado no início do séc. I em que o processo de romanização era ainda muito incipiente. A segunda fase caracteriza-se já por um consumo mais desenvolvido, com a chegada das produções sudgálicas, provavelmente logo a partir de 40-50 d.C., a julgar pela presença da forma Drag. 15/17B, cuja produção terá cessado em época de Nero (Quaresma 2003), e que se terá mantido até época flávia, a julgar pelo número de indivíduos da forma Drag. 18/31 identificados (Quaresma 2003). No período de Vespasiano surge a produção Hispânica (Bustamante 2013), que, no final do século I, vai substituir paulatinamente as produções sudgálicas no abastecimento do Castro de Romariz, e cujo consumo parece continuar até ao abandono do povoado em meados do século II.

3. A DOMUS: UMA PERSPECTIVA CRONO-ESTRATIGRÁFICA

As intervenções realizadas no Castro de Romariz entre 1980 e 2003, sob a direcção de Rui Centeno e Armando Coelho (Centeno - Silva 1982), seguiram já uma metodologia que permitiu o registo dos achados por zona, através da implementação de uma grelha de quadrículas, e por camadas estratigráficas. Não obstante, deve de notar-se que esta metodologia atribui camadas transversais a toda a área de escavação, o que pode causar, como é óbvio, graves erros de interpretação. Procuramos esclarecer esta questão mais adiante.

No decorrer da escavação, foram identificadas cerca de sete camadas diferentes (fig. 5), no entanto, apenas as primeiras 4 são de interesse para o estudo em questão. Com efeito, estas correspondem aos níveis da ocupação do período romano onde foram registados todos os fragmentos de *terra sigillata*.

Segundo Centeno (2011: 29), a descrição das camadas é a seguinte:

“(00) – camada de terra castanha vegetal, granulosa e humosa, geralmente com quantidades muito reduzidas de materiais;

(01) – camada castanha escura, pouco compacta, com raízes e muita pedra de pequenas e grandes dimensões do derrube das estruturas, com alguns materiais em geral pouco significativos;

(02) – camada de terra castanho-amarelada, resultado da presença dos rebocos e argamassas utilizadas nas construções, compacta, com alguma pedra, *tegula* e *imbrex* e materiais diversos romanos; no final desta camada, sobre os pisos foi recolhida cerâmica micácea, feita à roda, cerâmica cinzenta fina polida e diversa cerâmica romana, vidros e moedas da segunda metade do séc. I a.C. até aos finais do séc. I;

(03) – pisos de barro de qualidade distinta e geralmente endurecidos por acção do fogo, no interior das diferentes unidades, à excepção da unidade ROM II, é lajeados assentes numa camada de terra saibrenta no exterior;

(04) – camada de terra barrenta, acinzentada, muito compacta na parte superior, com bastante cerâmica micácea feita à mão e à roda, sendo alguma decorada, um fragmento de ânfora republicana

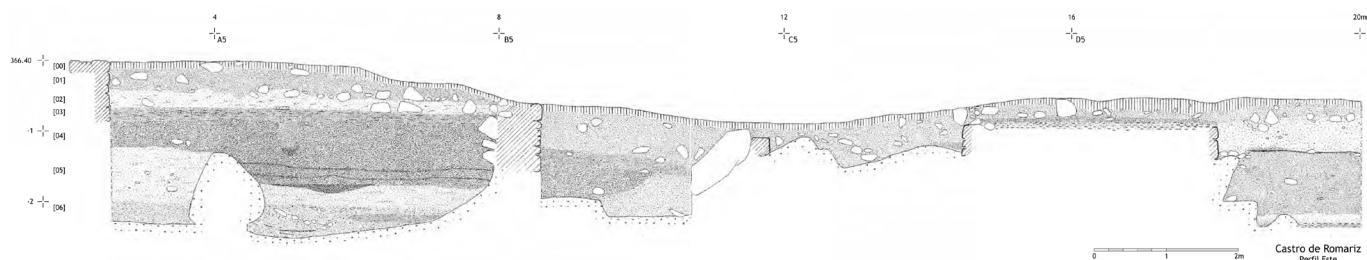


Fig. 5 - Corte estratigráfico do perfil oeste da área da *domus* (adaptado de Centeno, 2011).

com pasta alaranjada e também dois fragmentos de cerâmica campaniense B, pertencentes a vasos diferentes; (...)"

Estas descrições devem, contudo, ser tomadas em conta com a devida reserva, uma vez que, como referimos anteriormente, a metodologia utilizada atribui estas camadas de forma transversal a toda a área escavada. Assim sendo, é importante compreender que enquanto as camadas 00, 01 e 02 se estendem, de forma mais ou menos homogênea, por toda a área escavada, o mesmo não acontece com a camada 03 e, menos ainda, a camada 04. Com efeito, a camada 03 limita-se ao interior de estruturas e algumas áreas anexas. No que diz respeito à área murada da *domus*, a camada 03 foi a última alcançada durante a escavação, dado que se trata do piso de circulação das estruturas, com exceção para a estrutura II (vd. fig. 7), onde foi realizada uma sondagem, à qual corresponde a descrição da camada 04 dada por Rui Centeno (2011: 30).

De forma a tentar contornar esta lacuna da metodologia aplicada e, assim, evitar leituras falaciosas, opta-se por fazer a análise crono-estratigráfica apenas com os fragmentos provenientes da escavação das estruturas do interior da área murada da *domus*. A individualização destes em relação ao total da amostra torna-se possível devido ao facto de todos os fragmentos terem sido catalogados com a informação relativa à estrutura e quadrícula onde foram identificados.

Posto isto, da amostra total de 124 fragmentos, 54 foram catalogados como provenientes das camadas escavadas no interior da *domus*. Da análise da distribuição desses fragmentos de *terra sigillata* (vd. fig. 6), verificamos que é a camada 02 a que apresenta uma maior concentração dessa categoria cerâmica, (70%), com um total de 38 fragmentos, dos quais 21 correspondem a produções TSSG, 16 a TSH e apenas 1 fragmento de TSI. Segue-se a camada 01 (24%), com 13 fragmentos identificados, dos quais

7 são TSSG, 5 TSH e apenas 1 da produção TSI. Estas duas camadas estendem-se por toda a área da *domus*, sendo que a camada 02 cobre zonas de afloramento, os lajeados do pátio e ainda os pisos de circulação das várias estruturas, identificados com a camada 03. Nestes pisos de circulação, camada 03, foram identificados 2 fragmentos de *terra sigillata*, 1 de TSSG, numa área da *domus* que Rui Centeno (2011: 28) identificou como zona de guarda de animais e, como tal, não permite leituras muito seguras; e 1 de TSH, sendo este último uma forma decorada. A camada 04 identificada na área da *domus* corresponde, como referido anteriormente, a uma sondagem realizada na zona da estrutura II e conta com um fragmento de *terra sigillata* itálica. Considerando que esta camada se encontra imediatamente abaixo do piso de circulação da estrutura II, e tendo em conta o espólio, descrito por Centeno (2011: 30), de cerâmica micácea, um fragmento de ânfora Haltern 70 e ainda fragmentos de cerâmica campaniense B, é possível balizar cronologicamente esta camada na segunda metade do século I a.C.. Assim sendo, o início da construção das estruturas de influência romana terá ocorrido no final do século I a.C. ou inícios do século I d.C., conforme já havia sido proposto por Rui Centeno (2011: 15).

A *domus* terá sido alvo de novas construções e algumas remodelações ao longo do século I d.C., sendo que a última terá ocorrido já no último quartel do século I ou na transição para o século II d.C., como sugere a presença de um fragmento de *terra sigillata* hispânica na camada 03, um piso de circulação, da estrutura VII. A *terra sigillata* das camadas 01 e 02 desta estrutura seriam bastante profícuas para compreender cronologicamente a fase final da ocupação do povoado, contudo não foi identificado qualquer outro fragmento.

Sem possibilidade de afinar de forma mais precisa os horizontes cronológicos das camadas 01 e 02, a análise do conjunto situa estas camadas num âmbito cronológico que se estende desde meados do

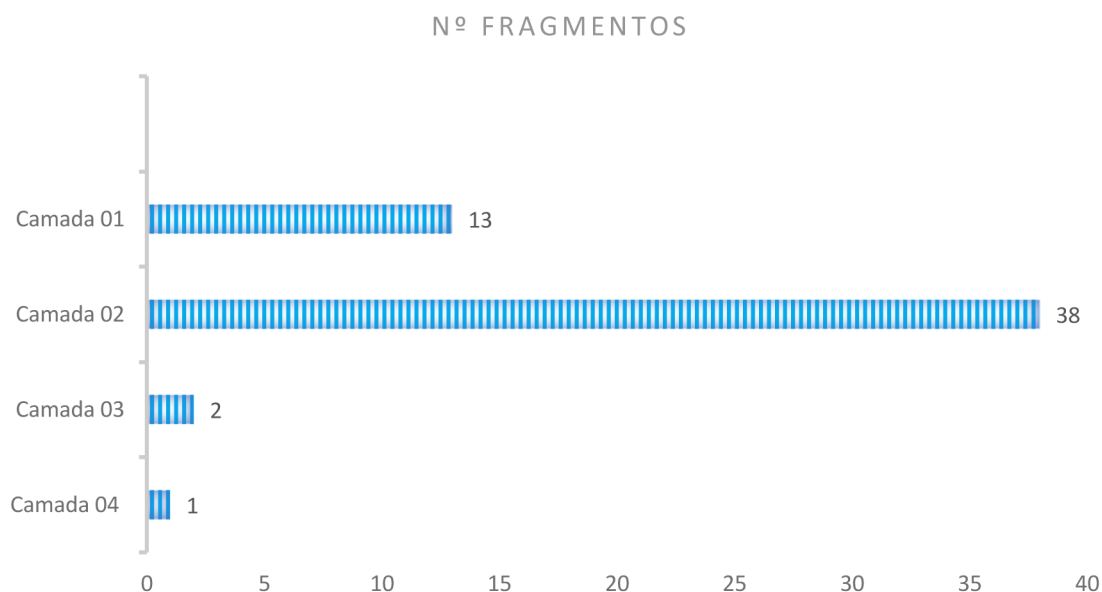


Fig. 6 - Distribuição dos fragmentos pela estratigrafia da área da *domus*.

século I até meados do século II d.C., sem ser possível definir uma interface cronológica clara entre os dois estratos. Apesar da camada 02 apresentar uma maior expressão da produção sudgálica, onde se identificam as formas Drag. 27, Drag. 24/25 e Drag. 15/17B, amplamente difundidas no período de Cláudio-Nero (Quaresma 2003), a expressiva quantidade de *terra sigillata* hispânica, com as Forma 15/17, Forma 24/25 e Forma 27, faz dilatar o âmbito cronológico até, pelo menos, ao principado de Trajano (Bustamante 2013). A cronologia da amostra da camada 01 é semelhante à da camada 02, não sendo, assim, possível afinar o respectivo horizonte cronológico com mais precisão.

4. A DOMUS: DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E FUNCIONALIDADES

As escavações levadas a cabo até então no sector oeste, permitiram identificar 23 estruturas ou áreas que constituem a já referida *domus*, áreas envolventes desta e ainda outras estruturas (fig. 7), cuja descrição exaustiva, relativamente às dimensões, tipologias e formas de construção, é dada por Centeno (2011: 20-28). Através da análise da distribuição espacial da totalidade dos fragmentos de *terra sigillata* identificados, ao longo das várias campanhas, neste sector, tentamos obter não só uma ideia de consumo por estrutura, mas também, através disso, e no seguimento do que já foi tentado por Rui Centeno (2011), identificar a sua funcionalidade.

Da análise do Gráfico 3 é possível observar que as estruturas XIV e XV concentram a maior quantidade de fragmentos de *terra sigillata*. De acordo com os dados disponíveis, estas estruturas não correspondem a edificações *per se*, mas a áreas exteriores, abertas, cuja funcionalidade permanece indeterminada. Centeno (2011: 28) colocou a hipótese da estrutura XV, que faz parte da *domus*, poder corresponder à área onde seriam mantidos os animais domésticos, dada a facilidade com que, utilizando materiais perecíveis, se poderia criar uma área confinada onde estes permaneceriam.

A estrutura XIV, por sua vez, corresponde uma zona já exterior ao perímetro da habitação, tratando-se, possivelmente, de um dos arruamentos que a delimitavam. Tendo em conta estas características e o elevado número de fragmentos identificados nestas áreas, é plausível assumir que estas seriam também zonas de descarte de peças já fragmentadas. A estrutura I, uma das construções da *domus*, poderá corresponder, junto com a estrutura II, ao local onde se tomavam ou onde seriam preparadas as refeições, como já foi sugerido por Rui Centeno (2011: 27), e onde, possivelmente, seriam armazenados os serviços de mesa, de entre os quais se destacam as peças de *terra sigillata*. As restantes áreas apresentam uma concentração menor de fragmentos, podendo, em alguns casos, estes corresponderem a perdas ocasionais.

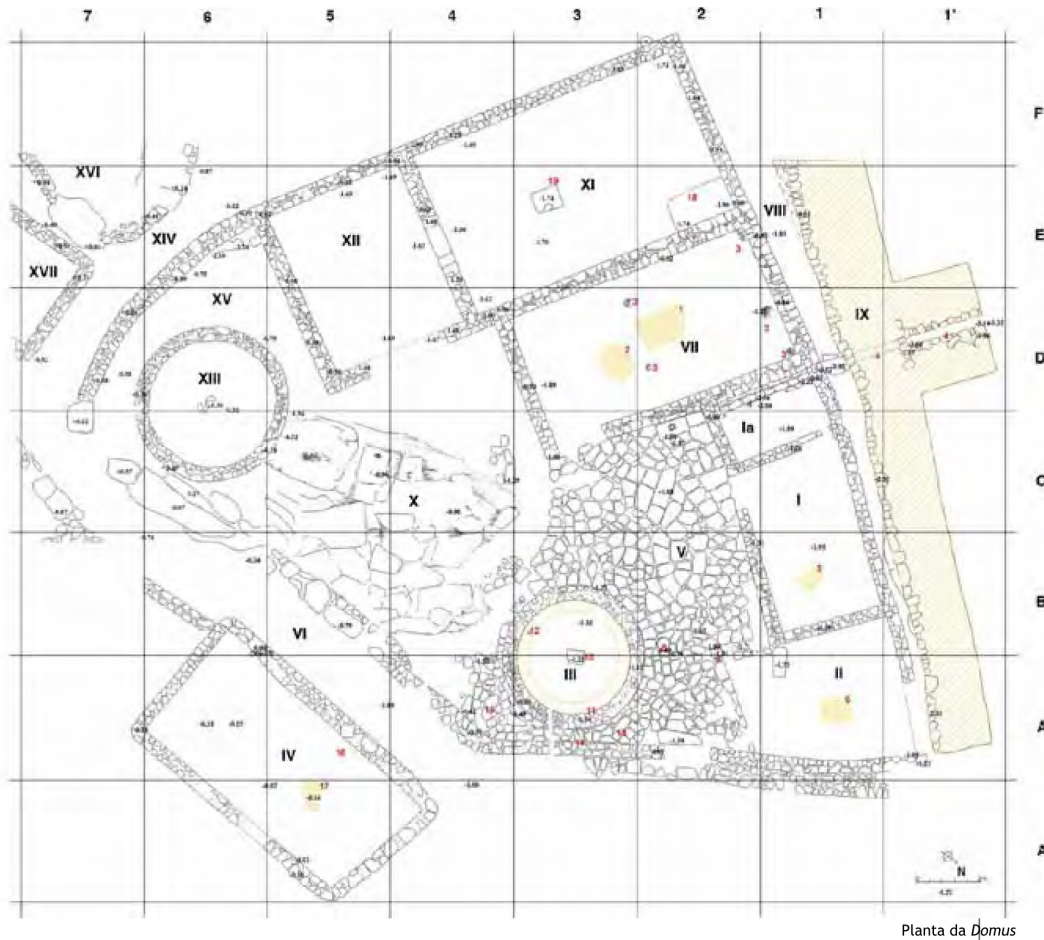


Fig. 7 - Planta da *domus* e as respectivas estruturas e áreas identificadas no decorrer das campanhas de 1980 a 2003 no sector oeste (Adaptado de R. Centeno 2011).

5. DISCUSSÃO

O estudo da pequena amostra de *terra sigillata* do Castro de Romariz depositada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, permite avançar com várias hipóteses que passamos a discutir. Como se verificou, a análise da distribuição dos fragmentos de acordo com a estrutura/área onde foram identificados permite denotar uma maior concentração de fragmentos em dois espaços. Estes, as áreas XIV e XV, que correspondem ao que seria um arruamento e um espaço aberto da habitação, podem, assim, ter servido de zonas onde seriam descartadas peças já fragmentadas. Analisando apenas as várias divisões que constituem a *domus*, as estruturas I e II apresentam uma maior concentração de fragmentos, o que permite colocar a hipótese de poderem corresponder às zonas onde seriam consumidas ou preparadas as refeições. Apesar da *terra sigillata* ser uma louça fina de mesa, a sua concentração

nestes dois espaços não parece estar associada com o consumo de refeições, visto que a estrutura I possui uma área bastante limitada e a estrutura II seria uma área aberta, apenas com cobertura em *tegula* (Centeno 2011). Desta forma, a hipótese de se tratar de áreas da *domus* cuja funcionalidade seria a preparação das refeições parece mais plausível.

Relativamente aos padrões de consumo de *terra sigillata*, é possível, como já referimos, verificar que o consumo deste tipo de cerâmica no Castro de Romariz se desenvolve ao longo do século I d.C., certamente associado não só à romanização da população mas também derivado ao facto de terem sido desenvolvidas as rotas comerciais que permitiram a difusão dos produtos. Esta hipótese baseia-se na presença residual de *terra sigillata* itálica, conquanto 97% dos fragmentos estudados correspondem a produções datadas de 40-50 d.C. em diante, o que, então, permite diferenciar duas fases distintas de consumo. Além disso, estes resultados vão de

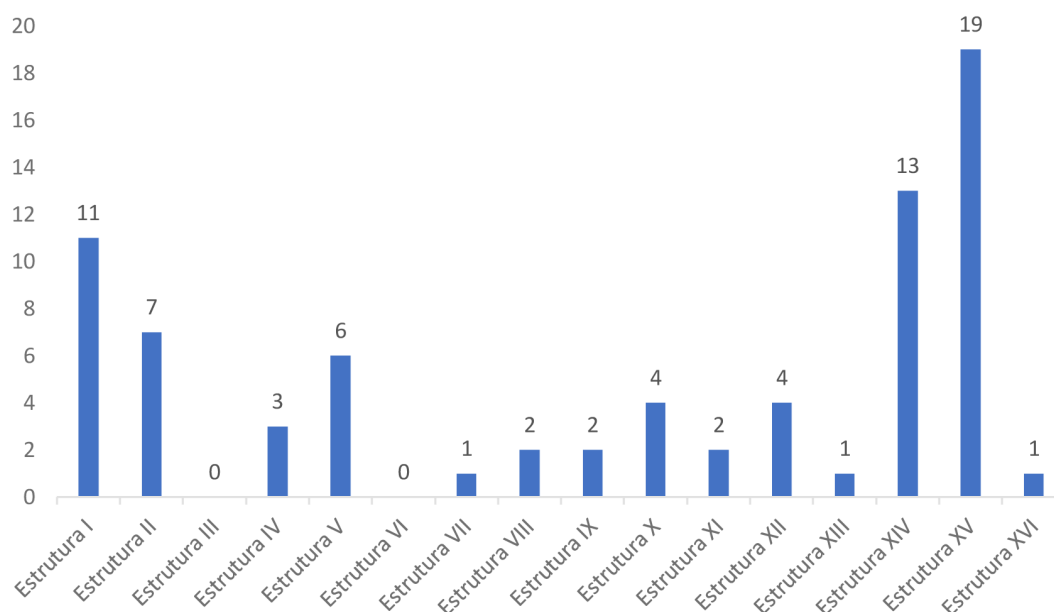


Fig. 8 - Número de fragmentos de *terra sigillata* por estrutura.

encontro ao panorama verificado noutros sítios da região, como é o caso de Monte Mozinho (Carvalho 2002), Braga (Morais 2004) e Conimbriga (Delgado - Mayet - Alarcão 1975). Por sua vez, o reportório tipológico que domina este consumo encontra-se dentro dos padrões de verificados um pouco por todo o ocidente peninsular (Morais 2004, Quaresma 2003, 2009, Viegas 2003, 2011).

A análise crono-estratigráfica focou somente a *terra sigillata* identificada no interior da área da *domus*, por forma evitar leituras falaciosas derivadas da metodologia de escavação utilizada e, assim, tentar estabelecer horizontes cronológicos mais precisos. Das quatro camadas onde foram identificados fragmentos de *terra sigillata*, a camada 04 é crucial para a compreensão do sítio, uma vez que, como vimos, se situa imediatamente abaixo do nível de circulação da *domus*, permitindo obter uma datação aproximada da sua construção. Com efeito, a identificação de um fragmento de *terra sigillata* itálica, juntamente com a descrição feita por Centeno de outros materiais encontrados nesta camada (Centeno 2011), permite estabelecer um âmbito cronológico para este estrato que se estende desde os finais do século II a.C. até ao fim do século I a.C., o que nos permite balizar cronologicamente a construção da *domus* no último quartel do século I a.C., como já havido sido proposto (Centeno 2011).

A camada 03 apresenta apenas dois fragmentos de *terra sigillata* e, embora um tenha sido identificado numa área de leitura pouco segura, o outro foi

descoberto no piso de circulação da estrutura VII. Tratando-se de uma forma decorada de *terra sigillata* hispânica, é possível colocar a hipótese deste piso de circulação datar de uma fase bastante posterior à construção da *domus*, uma vez que a produção de *terra sigillata* hispânica surge apenas no período de Vespasiano (Bustamante 2013). Deste modo, é bastante plausível assumir que esta habitação foi alvo de várias reparações, e possíveis melhoramentos, ao longo do século I d.C., sendo que a presença da produção hispânica aponta para que a última tenha ocorrido já no final do século I ou inícios do II d.C..

A análise da amostra de *terra sigillata* proveniente das camadas 01 e 02 seria, portanto, bastante importante para compreender a última fase de ocupação do povoado e obter uma cronologia precisa do abandono do sítio. No entanto, possivelmente derivado à metodologia de escavação aplicada, a análise dos fragmentos permitiu constatar um âmbito cronológico de mais de um século para estas camadas, sem ser possível detectar qualquer interface cronológica entre ambas. A presença da variante B da forma Drag. 15/17 da produção sudgálica faz recuar esta camada até meados do século I, cerca de 40-50 d.C., uma vez que, de acordo com Quaresma (2003), esta forma é característica do período de Cláudio, tendo a sua produção cessado pouco depois. Por outro lado, a expressão de *terra sigillata* hispânica, e sobretudo a presença de formas que podem datar já da primeira metade do século II d.C. (Bustamante 2013), levam a estender o

âmbito cronológico destas camadas e, consequente, a situar o abandono do povoado em meados do século II d.C. e não em finais do século I, como havia sido sugerido por Centeno (2011). Se tivermos em conta outros materiais identificados no decorrer da escavação destas camadas, Centeno refere, como se vimos anteriormente, que foi identificada “cerâmica cinzenta fina polida e diversa cerâmica romana, vidros e moedas da segunda metade do séc. I a.C. até aos finais do séc. I” (Centeno 2011: 29). O estudo, entretanto realizado, da cerâmica cinzenta fina polida do Castro de Romariz (Centeno - Morais - Soeiro 2014), permitiu a identificação de fabricos e tipologias, cujo âmbito cronológico se estende desde as primeiras décadas do século I até ao período antonino, ou seja, meados do século II d.C., apresentando, assim, um âmbito cronológico bastante semelhante ao da *terra sigillata*. Por outro lado, a falta de vestígios de *terra sigillata* africana A, que vai ganhando expressão nos contextos do ocidente peninsular ao longo do século II d.C. (Quaresma 2018), sobretudo na segunda metade, não permite avançar muito mais o horizonte cronológico destes estratos.

A conjugação de todos estes factores permite, então, situar o abandono do Castro de Romariz em meados do século II d.C.. Embora os dados disponíveis não permitam ainda conclusões definitivas, este abandono terá ocorrido no âmbito do processo de romanização do noroeste peninsular e de forma gradual, com as pessoas a fixarem-se, provavelmente, em zonas mais baixas nas imediações do antigo povoado, onde se documenta um tesouro monetário do século IV d.C. (Centeno 2011). Os estudos de outros materiais e futuras escavações continuam, no entanto, a ser fundamentais para poder compreender melhor a fase final de ocupação do povoado.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de deixar uma palavra de apreço a várias pessoas que contribuíram para a elaboração deste estudo. Ao Professor Dr. Rui Centeno, por disponibilizar o espólio que serve de base a este estudo, bem como os registos de campo. Ao Professor Dr. Rui Morais, pela formação e ajuda na identificação de fabricos e formas. Ao Professor Dr. José Carlos Quaresma pela revisão do texto.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSTAMANTE, M. (2013) - *La terra sigillata hispánica en Augusta Emerita. Estudio tipocronológico a partir*

de los vertederos del subúrbio norte. Mérida (*Anejos de Archivo Español de Arqueología* LXV).

CARVALHO, T. P. (1993) - *A terra sigillata do Monte Mozinho (contributo para a história económica do povoado)*. Penafiel (col. *Cadernos do Museu* 3).

CARVALHO, T. P. (2002) - Monte Mozinho: a *terra sigillata* recuperada do Sector B. *Portugália* (Nova Serie) XXIII: 117-154.

CENTENO, R. - SILVA, A. C. (1982) - 1ª Campanha de escavações arqueológicas no Castro de Romariz (Vila da Feira, Aveiro) - 1980. *Humanidades* 1: 63-69.

CENTENO, R. (2011) - *O Castro de Romariz (Aveiro, Sta. Maria da Feira)*. Santa Maria da Feira.

CENTENO, R. - MORAIS, R. - SOEIRO, T. (2014) - A propósito da cerâmica cinzenta fina polida do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira - Portugal). In MORAIS, R. - FERNANDEZ, A. - SOUSA, M.J. (eds.), *As produções de cerâmicas de imitação na Hispania*. Porto (Col. *Monografias Ex Officina Hispana* 2): 291-308.

DELGADO, M. - MAYET, F. - ALARCÃO, A. M. (1975) - Les sigillées. In ALARCÃO, J. - ETIENNE, R. (eds.), *Fouilles de Conimbriga* IV. Paris.

MORAIS, R. (2004) - *Autarcia e Comércio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial: contributo para o estudo económico da cidade*. Braga.

QUARESMA, J. C. (2003) - *Terra Sigillata sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 30).

QUARESMA, J. C. (2009) - *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano. Terra Sigillata e cerâmica africana de cozinha em Chãos Salgados (Mirobriga?)*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

QUARESMA, J. C. (2018) - Transição estratigráfica em Almoínhas (Loures, Portugal): evolução das importações finas na Lusitania entre c.100 e c. 320 d.C.. *Cira Arqueologia* VI: 199-230.

SANTOS, M. F. (1940) - *A Minha Terra: Breves apontamentos sobre Romariz*. Porto.

SILVA, R. B. (2012) - *As “marcas de oleiro” na Terra Sigillata e a circulação dos vasos na Península de Lisboa*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

VIEGAS, C. (2003) - *Cerâmica, economia e comércio: a terra sigillata da Alcáçova de Santarém*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 26).

VIEGAS, C. (2011) - Ritmos do povoamento e economia do Algarve romano: entre o Mediterrâneo e o Atlântico. *O Arqueólogo Português* V-1: 15-204.

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e resenhas bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as resenhas bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

<i>CÉSAR NEVES</i> - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
<i>SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ</i> - <i>ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ</i> - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
<i>JOÃO PIMENTA</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
<i>GIL VILARINHO</i> - <i>A terra sigillata</i> do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
<i>ANA MARGARIDA ARRUDA</i> - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
<i>FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS</i> - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
<i>CATARINA FELÍCIO</i> - <i>FILIPE SOUSA</i> - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
<i>TÂNIA MANUEL CASIMIRO</i> - <i>SARAH NEWSTEAD</i> - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
<i>JOAQUINA SOARES</i> - <i>LÍDIA FERNANDES</i> - <i>CARLOS TAVARES DA SILVA</i> - <i>TERESA RITA PEREIRA</i> - <i>SUSANA DUARTE</i> - <i>ANTÓNIA COELHO-SOARES</i> - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

